

a “ordem” do estado, as peculiaridades humanas e anarquia!

edgar rodrigues*

Após ler alguns verbetes do meu dicionário e de outros que tive a curiosidade de conhecer, pude resumir, e não fui só eu, que “anarquia é falta de governo constituído: desordem!”

Ora, esta falta de “ordem” atribuída aos anarquistas, para o antigo republicano espanhol Alfredo Calderón, quem falou no parlamento espanhol e também escreveu, é obra do governo, do Estado!

Disse-o com toda a clareza, no começo do século XX: “O Estado mata! É homicida, é assassino, mata por premeditação, com aleivosia, com ferocidade. Mata sem compaixão, sem obcecação, sem arrebatamento — por conveniência, por egoísmo, por cálculo. O Estado rouba. Casta sem conta nem medidas, e, para pagar as suas

* Vivendo no Rio de Janeiro desde 1951, Edgar Rodrigues é um dos mais importantes arquivistas do movimento anarquista no Brasil e em Portugal. Suas análises, entrevistas e compilações de documentos distribuem-se em mais de quarenta livros e cerca de mil artigos.

A ordem do Estado, as peculiaridades humanas e a anarquia

dívidas, enterra as mãos nos bolsos dos contribuintes. O Estado joga. É empresário, é banqueiro, é aliciador. O Estado folga. A ociosidade, mãe de todos os vícios, é sua predileta. [...] Na vida oficial tudo é mentira: mentira o pacto constitucional, mentira a lei fundamental do Estado, mentira a folha oficial, mentira a representação parlamentar, mentira os atos da maioria, mentira as promessas, mentira os programas, mentira a adesão, mentira a disciplina, mentira o orçamento... Há mentira representativa, administrativa, eclesiástica, militar, naval, acadêmica, jurídica, penal, bancária, bolsista, aristocrática, democrática, moral, estética, higiênica e alimentícia... Todo o Estado é uma grande mistificação, uma burla colossal...”¹

Antes e depois do *retrato da desordem* feito pelo antigo político republicano espanhol, a história não oficial, demonstra, sem precisarmos de lentes de aumento, que artesãos e trabalhadores das cidades e dos campos foram, e são, vilmente explorados e escravizados há séculos. Os governantes reduziram ao silêncio os produtores de riquezas. A burguesia que “veio” substituir o feudalismo, para assegurar “suas conquistas”, organizou exércitos com gente *deserdada*, sob o comando de “seus nobres”, esmagou o próprio povo, usando os jovens filhos do povo, a quem armou para matar seus irmãos, seus pais, sempre que pleiteavam, e pleiteiam, alguma melhoria social. E foi essa burguesia “nova” quem saiu vitoriosa nas revoluções Francesa, Inglesa e nas de outros países, usando a boa-fé dos ingênuos, para dominar os produtores de riquezas que lhes “oferecem” as mãos (dos filhos) armadas para matar seus irmãos trabalhadores.

Foram, e são, esses governantes, que para manter a “ordem”, a deles, nos 3357 anos, entre 1500 antes do nazareno até ao final do século XIX, deflagraram 3130

anos de guerras, contra 227 anos de paz.² E de 1900 a 1980, também para manter a “ordem”, com as mãos dos filhos dos operários cujos pais e irmãos fabricaram as armas, provocaram 154 guerras, conflitos armados e invasões, com milhões de mortos, mutilados, órfãos, neuróticos, casas e plantações destruídas.³

Em contrapartida, para os antigos pensadores e filósofos, o anarquismo nunca declarou guerras, nem é uma “idéia nova, data de muito antes da nossa era”. Tem suas raízes no pensamento egípcio,⁴ hindu e chinês de Confúcio, Mo Ti, Chung Tse e Lao Tse. Este último filósofo antecedeu em 500 anos a Cristo, e mereceu nota do escritor Victor Garcia:⁵ “Quando estudamos a filosofia chinesa, apoiando-nos em palavras de força, como a de Carrington Goodrich, a de Will Durant e a de Tsui Chi, podemos observar como todos estes escritores não regateavam elogios e afirmavam que tanto Lao Tse, como Mo Ti, Hsiin Tse e Chuang Tse, todos eles, projetaram o pensamento libertário de que se nutriram as gerações vindouras. Não se trata, pois, de apoiar-se no pensamento ácrata de um Paul Gille ou de um Elisée Reclus, que, logicamente, destacam esta trajetória anarquista de um ramo do pensamento chinês. Carrington Goodrich, Will Durant e Tsui Chi são historiadores imparciais, abertamente convencidos da necessidade do Estado em toda a sociedade. É sua honestidade profissional que os obriga a não silenciar esta importante corrente libertária que inicia Lao Tse, inclusive antes do próprio Confúcio.”

Não é estranho aos anarquistas o pensamento grego, e principalmente o hebreu. Este último, embora religioso e autocrático, envolve idéias de igualdade e ajuda mútua, chegando a profetizar uma sociedade integral, anárquica. O professor Aníbal Vaz de Melo, em seu livro Cristo, *o Maior dos Anarquistas*, defende a seguinte tese:

A ordem do Estado, as peculiaridades humanas e a anarquia

“A anarquia que foi um sonho generoso, uma utopia, um anseio de amor e de fraternidade imaginado e sonhado pela bondade santa de um Reclus, de um Bakunin, de um Malatesta e de um Kropotkin apresenta, numa série de seus adeptos, um gigante anarquista — Cristo.

Galileu foi, na realidade, o maior dos anarquistas.

Cristo já era anarquista. Lançou fora e longe todas as muletas religiosas, combateu, energicamente, os credos políticos de sua época, colocou-os fora da órbita do Estado, indo de encontro às leis escritas, aos usos, costumes, tradições e firmou a grandeza (da personalidade humana — livre) inteiramente livre, de todas as peias (trata-se de uma antiga forma de prender as pessoas pelos pés com cordas) e algemas do formalismo social.

A Anarquia será a verdadeira forma da futura organização social, com as suas bases e raízes no amor, na bondade e na fraternidade.”⁶

Na Idade Média, os adamistas, seita herética popular da Boêmia, proclamavam a abolição da propriedade individual e estabeleciam a comunidade de bens.

Não é menos significativo o exemplo da seita cristã dos carpocráticos, em Alexandria: “A comunidade — escreve Max Beer — e as igualdades são a base da justiça de Deus. No universo tudo é comum. O céu se estende igualmente em todas as direções e cobre a terra do mesmo modo. A luz banha igualmente todos os seres. A natureza proporciona seus benefícios a todos os organismos vivos. O próprio Deus deu tudo a todos.”⁷ E não diz que a Terra tivesse divisas, fronteiras, fosse retalhada ou foi doada pela natureza a algum político. À luz da geografia universal, da verdade histórica, o planeta Terra, obra da natureza, não foi doado individualmente ou retalhado.

Na época — não se ignora isso —, não existiam topógrafos, desenhistas ou arquitetos para dividir em lotes

a Terra, e nem tabeliões para fazer escrituras, determinando a quem seriam distribuídos os “países” ou as propriedades individuais. Tudo isso é obra da ambição humana, das guerras e dos vencedores, que impediram os vencidos de possuir sua parte em nosso planeta.

“As legislações dos povos (egípcios, hindus e judeus) como a do sábio Minos, em Creta, obedeciam igualmente ao princípio do Comunismo.”⁸

Pitágoras fundou também, em Cretona, na Itália, uma sociedade destinada a estudar e a praticar os princípios da igualdade, fraternidade e comunidade. Para Platão (450 anos antes do nazareno), “(...) em qualquer parte que isto se realize ou deva realizar-se é preciso que as riquezas sejam comuns, e que se empregue o maior cuidado em separar do comércio da vida até o nome de propriedade.”⁹

“O europeu do século XII — escreve Kropotkin — era essencialmente federalista. Homem de livre iniciativa e de livre entendimento, partidário acérrimo de uniões desejadas e livremente aceitas, ele via, em si próprio, o ponto de partida para toda a sociedade.”¹⁰

Em nome desse belo entendimento da igualdade libertária, das comunidades de iguais, G. Etiévant, desafiando os juizes durante seu julgamento no Tribunal de Versalhes, em Julho de 1892, disse: “Desde os neófitos até os homens, todos os seres possuem órgãos mais ou menos aperfeiçoados para deles se servirem. Todos os seres têm, então, o direito de se utilizar dos seus órgãos, de acordo com a vontade da mãe natureza. Assim, com nossas pernas, temos o direito a todo o espaço que pudermos percorrer; com nossos pulmões a todo o ar que pudermos respirar; pelo nosso estômago a todo o alimento que pudermos digerir; pela parte do nosso cérebro a tudo que pudermos pensar, ou assimilar nos pensamentos dos que nos cercam; pela nossa faculdade e elocução a

A ordem do Estado, as peculiaridades humanas e a anarquia

tudo que pudermos dizer; pelos nossos ouvidos a tudo que pudermos escutar. E, temos direito a tudo isso porque temos direito à vida e tudo isto constitui a vida. São estes os verdadeiros direitos do homem! Ninguém precisa decretá-los: eles existem como existe o sol!”¹¹

Étienne Cabet, no livro *Rumo ao Icário*; Lord Lytton, em *The coming race*; Edward Bellamy, em *Looking Backward, 2000 to 1887*; William Morris, em *Notícias de lugar nenhum*; Eugene Richter, *Pictures of a Socialistic Future*; Mably, Barbenf, Simon Linguet, Brissot, entre outros, também ajudaram a quebrar as armaduras do capitalismo, formando os precursores das idéias libertárias a que William Godwin e Proudhon deram forma doutrinária, tornando o anarquismo uma filosofia de vida, resgatando a bandeira da Anarquia, passando-a de mão em mão para os anarquistas que lhe sucederam até aos nossos dias.

É muito construtiva, e educativa, a definição e a interpretação do velho pastor protestante americano, reverendo J. C. Kimball, quando pergunta e responde: “O que é anarquia? Que doutrina é essa pela qual os seus partidários sacrificam as suas vidas, e por que tantos outros, entre eles os mais profundos pensadores deste século, estão dispostos a morrer [o texto do pastor Kimball foi escrito e divulgado durante o enforcamento dos “mártires de Chicago”, 1887, nos EUA], propagando-a em todas as partes do mundo civilizado? É forçoso que haja nessa doutrina alguma coisa digna de estudo.

Crê-se geralmente que a Anarquia é uma sociedade em completo estado de confusão, desordem e violência; um Estado em que pequenas facções fazem entre si uma guerra de supremacia, resultando, hoje, umas vitoriosas, amanhã, outras; um Estado no qual se destinam todas as garantias de vida e de propriedade; um Estado, enfim em que cada um faça o que lhe pereça, julgando só por um critério torpe.

A palavra Anarquia quer dizer literalmente sem governo (não sem orientação nem ordem), como a entendem os verdadeiros anarquistas; um Estado social onde não haja poder autoritário que legisle a ação dos homens. É das leis humanas e não das leis naturais que os anarquistas procuram libertar-se; são os livros de leis que eles intentam destruir, e não a sociedade. Longe de desejarem um estado de confusão, desordem e violência, os anarquistas aspiram a conquistar e a assegurar a paz e a ordem.

Os anarquistas crêem — e é verdade — que a atual confusão, desordem e violência que flagelam a sociedade, são devidas à interposição dos governos artificiosos com as leis naturais; e que o único meio de se verem livres destes males é se desligarem dessa causa artificial, humana e necessariamente imperfeita. A natureza, dizem eles, em todas as suas relações, opera unicamente pelo impulso das leis interiores.

Nos prados, as flores e as ervas crescem juntas, em agradável consórcio, e não têm livros de leis; os pássaros na gruta, as inúmeras espécies de peixes no mar, os castores fabricando as suas habitações, as formigas — perfeitas sociedades na sua defesa — não escolhem legisladores, nem mantêm governos, nem juizes, nem exércitos, nem polícias; não, nada disto. Regem-se pelas suas leis naturais. E se estes seres podem passar sem leis artificiais, por que é que o homem, com mais alto grau de inteligência, há de submeter-se a essa disposição arbitrária e opressora? Nesse sentido os discípulos da Anarquia não combatem a sociedade, antes pelo contrário, são *socialistas*, na mais lata acepção da palavra. Eles consideram o homem como um ser natural e social, a quem, se se deixasse em completa liberdade, por suas próprias intuições constituiria uma organização social mais perfeita que nenhuma das que o gênio

A ordem do Estado, as peculiaridades humanas e a anarquia

humano possa inventar; um organismo igual ao corpo humano, no qual todos os membros teriam o seu lugar e ocupação, e todos juntos cooperariam harmonicamente.”¹²

Os anarquistas são irreduzíveis inimigos da autoridade política: do Estado; da autoridade econômica: do capitalismo; da autoridade moral, intelectual: da religião, do patrimônio e da moral oficial.¹³ Advogam a liberdade plena por compreender que sem esta não se pode entender a anarquia.

Segundo o anarquista romeno Eugen Relgis, “A Liberdade é uma energia que resulta de aspirações e realidades humanas, de suas potências conscientes, progressivas e combativas, segundo as estruturas das organizações sociais. Há uma energética de liberdade que se aprende. A liberdade interior que se capta, se dirige, se conquista, se defende e se cultiva, já que ela é essa última expressão, cultura.”

O anarquista é, portanto, uma pessoa partidária da anarquia. Cidadão contrário à desigualdade existente na atual sociedade mercantilista, bélica, imperialista e exploradora, que subjuga os homens em prejuízo da felicidade humana!

É um propagandista de um *mundo novo*, onde o saber, o bem-estar, a beleza, a franqueza, a justiça e a fraternidade são necessidades permanentes, tratadas e cultivadas como a saúde, a vida do ser humano. O anarquista defende o livre acordo, a ajuda mútua, a coexistência harmoniosa, a igualdade de direitos, deveres, responsabilidades, de oportunidades e possibilidades, independente da idade, força física, diplomas, aparência, nível de inteligência, cor, sexo, etnias.

O elemento mais importante a desenvolver, a preservar para o anarquista é o ser humano. Por isso advo-

ga a liberdade integral (física, psíquica, econômica, religiosa, política, etc.) como meio de se dar ao homem o direito e a possibilidade de desenvolver todas as suas capacidades, potencialidades, aptidões, sem temores, restrições, cerceamentos ou frustrações.

Para o anarquista existe um só homem: a humanidade; uma só nação: o universo!

Se tivermos de acusar o anarquista de alguma coisa, seria certamente de ser um obstinado defensor de uma sociedade de iguais, sociedade que uma minoria — para poder continuar vivendo e acumular as riquezas produzidas pela maioria — impede que se realize. E não de desejar a *desordem*, em meio à qual se recusa a conviver, e a qual contesta e combate com o anarquismo.

E para não se atribuir aos anarquistas ou ao anarquismo o poder de destruição armazenado pelos governantes, pelo Estado e suas bombas, vamos sintetizá-lo. Anarquismo é a doutrina dos anarquistas — a nova ordem social — baseada na liberdade, na qual a produção, o consumo e a educação e instrução devem satisfazer as necessidades de cada um, de todos os seres humanos. Os anarquistas (independente das inúmeras peculiaridades que respeitarão e ajudarão a superar suas limitações, quando for o caso) propõem-se a substituir a organização obrigatória pela organização voluntária, pelo livre acordo, espontaneamente firmado e eternamente dissolúvel, sempre que se faça necessário, não ligando os homens senão pela comunidade de interesses, necessidades e pela reciprocidade de conseqüências, afinidades e simpatias. O anarquismo, filosofia de vida dos anarquistas, profundamente humanitarista e de liberdade plena (física e psíquica), não aceita que o homem precise ser governado, que por costume se tornou escravo, razão pela qual lhe parece irracional, utópico, uma verdadeira calamidade pública deixar de sê-lo.

A ordem do Estado, as peculiaridades humanas e a anarquia

O hábito de sofrer a autoridade dos chefes, dos governantes e seus mandões auxiliares condicionou o indivíduo ao longo dos séculos, deformou-o naquilo que ele tem de mais importante: a iniciativa, a razão, a inteligência, o desejo de ser livre, tirou-lhe a confiança em si mesmo!

O idealista ácrata vê em cada ser humano um colaborador em potencial e procura revelá-lo pela educação, pelo ensino racionalista e pelo exemplo.

Não se ocupa exclusivamente das lutas de classes, não vê intelectuais ou operários como seres superiores ou inferiores, diferentes; não combate os patrões por ser patrões! Sua meta é o *ser humano* no seu todo, por ver nele o elemento mais importante para tornar a velha sociedade um *mundo novo!*

Suas idéias ou doutrinas pretendem ajudar a despertar e desenvolver, em cada ser humano, toda as aptidões de que é possuidor, seu potencial, fazê-lo desabrochar!

O anarquista não ignora que cada indivíduo, ao nascer, traz disposições psíquicas que, no conjunto, refletem as influências atávicas, hereditárias, infiltradas ao longo dos séculos, transmitidas de gerações a gerações, e que esses males não se curam com a marginalização, ou pancadas no exterior das crianças ou castigos físicos. Do meio em que nasce e cresce, do ambiente — dentro e fora do lar — em que viveu ou vive os primeiros anos de vida, dependerá a formação do seu caráter, e este guiará seus atos durante sua existência: será sua personalidade.

A educação, o temperamento, a herança genética, as influências naturais do meio que cerca as crianças, impõem-lhe formas de vida, juntamente com as influências sociais do meio, e determinarão o seu compor-

tamento positivo, negativo ou artificial. O ser humano é fruto da sociedade em que viveram seus antepassados, do meio onde nasceu, dos padrões religiosos, políticos, econômicos, sociais, culturais, opressivos e repressivos predominantes, do ambiente onde formou sua personalidade.

Logo, não é válida a concepção de que o poder e o governo evitam, pela sua existência e “fiscalização”, atos anti-sociais e violentos.

O anarquista demonstra que atos anti-sociais e violentos são o resultado da organização social baseada nas desigualdades de condições, carências, níveis de vida, políticas, terrorismos, punições! O roubo, o atentado, o assassinato contra pessoas contra exploradores ou abastados, resultam dos sistemas vividos que impedem uma imensa maioria de pessoas trabalhadoras, como nós, de satisfazer todas as suas necessidades! Têm suas raízes na propriedade privada, suas origens no “direito divino” de uns poucos, que estragaram aquilo de que carecem milhões de seres humanos, em geral, os produtores de riquezas durante oito horas ou mais diariamente. E quando o impulso do temperamento é demasiado forte, quando a necessidade ou a revolta fala mais alto, a injustiça grita primeiro, o indivíduo “infringe” as leis artificiais, estudadas, mentalizadas, escritas e aprovadas por uns poucos para submeter muitos à obediência, visando consagrar a espoliação do homem pelo homem. E, na voz de seus administradores, são considerados e qualificados tais atos como anti-sociais, quando a verdadeira causa reside exatamente na situação desigual e opressiva, conduzida e sustentada pelos mandões, governantes e seus parasitas, encarregados de aparecer na frente como amortecedores, pára-choques. Numa sociedade em que cada indivíduo tenha a faculdade de se desenvolver livre, integralmente, sem carências,

A ordem do Estado, as peculiaridades humanas e a anarquia

esses atos certamente não poderão ser cometidos, dada a ausência das razões e motivos que hoje os determinam (salvo os casos raríssimos que são de origem médica, psiquiátrica).

Por outro lado, está provado cientificamente que dentro da atual sociedade não existe nenhum meio impeditivo ou repressivo que evite que tais atos tenham lugar, pois é em seu seio que germinaram os miasmas que correm o sistema e chegam ao exterior de seus porões. A violência imposta na sociedade gera a violência individual, cada vez em maior escala. E frente a essa anomalia do poder público são chamados jurisconsultos, para dar opiniões e apresentar soluções, sem se darem conta de que o comprometimento moral e material do homem depende, exclusivamente, das condições de “saúde do meio”, das hereditariedades, da educação a que foi e é submetido! E por último, da “ordem” e da exploração do governo, do Estado!

O homem infringe leis penais feitas pelo homem para dominar seus semelhantes, acreditando sempre que pode escapar à punição de seu ato. Comete delitos anti-sociais, e tem como professores os legisladores ou punidores — porque sua vontade é incapaz de impedir os motivos que o impeliram a cometê-los. A insuficiência de sua vontade é devida à educação recebida, ao meio freqüentado, faz parte dos seus vícios orgânicos, hereditários, das deformações de caráter que lhe foram impostas pela sociedade que o esfomeia e o condiciona. E por mais violentas que tais leis artificiais sejam, são sempre impotentes para prevenir e evitar os delitos e os crimes! E a violência de baixo cresce na proporção e intensidade da violência e a exploração de cima!

Por isso, a gravidade de tais atos reflete a incompetência, é a própria negação da validade das leis, é a autocondenação do Estado! Quando a autoridade irracional pensa

acabar com a necessidade, a usurpação que ela mesma representa e defende, contrariando o direito das pessoas, torna-se impotente para cumprir sua pretendida missão, e se declara fatalidade na realidade!

O homem não é uma máquina que se ajusta por meio de botões, tem necessidades físicas, psicológicas, alimentares, educacionais, emocionais, possui um cérebro que pensa!

E o anarquismo possui a química capaz de “lapidar” a educação dos seres humanos. Os que sabem mais, detêm mais conhecimentos, ajudarão a elevar os conhecimentos dos que sabem menos, a preparar os seus companheiros em vez de explorá-los ou colocar-se no topo da pirâmide social, como acontece nas sociedades política, capitalista ou bolchevista hoje.

Um ser humano vale um ser humano: os anarquistas sabem isso! E na medida em que os anarquistas, intelectuais e operários, se integrarem, independentemente das ferramentas que cada um use, no meio das peculiaridades com que terão de conviver, saberão elevar os menos preparados, acabando com as hierarquias, igualando-se todos em deveres, direitos e possibilidades. Uma comunidade de iguais não quer dizer que têm de ser todos do mesmo tamanho, possuir as mesmas capacidades intelectuais ou profissionais: as diversidades humanas fazem parte de uma sociedade que os anarquistas pretendem tornar um novo mundo, onde cada um de seus membros só se sentirá feliz com a felicidade de todos.

O corpo humano possui milhões de células, e estas funcionam livremente, cada uma realizando suas funções sem se atropelar, sem precisar de chefes para dizer a cada uma o que deve fazer, sem leis ou autoridades para obrigá-las a exercer suas tarefas, dizer quem é quem. E se essas “máquinas humanas” impulsionadas pelos milhões de célu-

A ordem do Estado, as peculiaridades humanas e a anarquia

las realizam trabalhos manuais e intelectuais, capazes de produzir a felicidade individualmente, de cada um de nós, por que achamos impossível transformar essa felicidade em um bem de todos, em Anarquia?

Juntando todas as experiências e interpretações do anarquismo, da idéia ou da filosofia de vida dos pensadores que evoco aqui, das mais distintas regiões e culturas do planeta, somadas com a visão do autor, chego à conclusão de que se as células que nos movem conseguem realizar um sábio e gigantesco trabalho sem chefes, nós, que temos o privilégio de as possuir e ainda um cérebro para pensar, optar, decidir pelo melhor caminho, porque não somos capazes de fazer a felicidade humana, pela anarquia?

Ao concluir minha pesquisa e divagações, penso que uma *Declaração de Princípios* ajudaria a entender a nova mecânica, a anarquia. Declaração provisória, entenda-se, por ser individual e ainda por ser o anarquismo uma filosofia de vida evolutiva, certamente atualizada todos os dias, até onde a ciência ao serviço da humanidade e a inteligência humana puderem elevar cada componente da sociedade ácrata.

1: A anarquia é um sistema social à margem da igreja e do Estado, livre da influência de poderes ou forças políticas, democráticas ou autoritárias: econômicas ou religiosas, e não aceita líderes.

O anarquismo é um corpo de doutrinas científico-filosóficas, econômicas e sociais, que estabelecem as bases da vida de relação, da harmonia social, em substituição aos presentes sistemas de desequilíbrio social que determinam o caos, as violências, tragédias e vicissitudes para a humanidade.

2: Em religião, o anarquismo proclama o direito do livre exame, a emancipação humana, libertando o inte-

lecto de todas as concepções, teológicas ou metafísicas, do misticismo e da superstição, dos poderes teocráticos das instituições eclesiásticas.

3: Em política, o anarquismo ignora o Estado, bem como todas as formas de governo, domínio do homem sobre o homem.

O anarquismo visa a extinção de todas as instituições jurídicas, políticas, militares e policiais, leis, códigos, elementos de opressão, de repressão, desaparecimentos de privilégios, casta e classe. A sociedade por si mesma terá a responsabilidade da ordem pública, a garantia dos direitos individuais ou coletivos.

4: O anarquismo quer a supressão do sistema do salário, do patronato e do capitalismo. O poder político da igreja, e do capitalismo são estados de guerra, não havendo lugar a entendimento de espécie alguma.

O anarquismo quer a supressão da propriedade privada, individual, de grupo, empresa, Estado, igreja, sociedade. Um regime em que cada indivíduo indistintamente almeje a posse da riqueza natural ou social que lhe corresponda como parte que é da nossa espécie. Dentro deste princípio federalista, o indivíduo se harmoniza para a realização do socialismo anarquista integral.

5: O anarquismo, doutrina revolucionária, é, ao mesmo tempo, libertária, combatendo todas as formas de coação, partam da igreja, do Estado, ou mesmo de qualquer grupo ou indivíduo.

6: A filosofia anarquista preconiza a igualdade e a supressão de todas as formas de hierarquia religiosa, política, econômica, social e cultural.

7: No que respeita à fraternidade, o anarquismo propõe-se, para chegar à realização dessa aspiração huma-

A ordem do Estado, as peculiaridades humanas e a anarquia

na, a supressão das diferenças injustas dos interesses econômicos e políticos, e a supressão das fronteiras políticas, eliminando os preconceitos nacionalistas e patrióticos, dos quais os dirigentes se servem para oprimir e explorar a humanidade.

8: Tratamos aqui somente do sindicalismo revolucionário ou de resistência, que age com os próprios meios diretamente, na luta pelo melhoramento econômico dos operários sindicalizados, ou quando muito, das classes em que mais se evidencia a organização sindical.

O sindicato, órgão específico de defesa dos interesses profissionais ou corporativos e de resistência à desenfreada exploração patronal, agindo, porém, nos limites do sistema do salário e, ao mesmo tempo, nos acordos salariais, não é susceptível de transformação no sentido de subversão do regime econômico, de modo a estabelecer uma nova distribuição da riqueza ou inaugurar uma nova economia, capaz de facultar a todos os seres humanos, de maneira eqüitativa, os elementos indispensáveis à própria subsistência.

É, pois, o sindicalismo um meio de luta dos trabalhadores, que perpetua a desigualdade (aumento de salários, aumento do custo de vida), salvo quando pensa na emancipação do proletariado, fato que exige projeções francamente revolucionárias. A atitude dos anarquistas em face ao sindicalismo deve consistir em apoiar, em suas lutas, os operários sindicalizados, com propaganda das idéias revolucionárias, anarquistas, da implantação de uma sociedade nova, de igualdade social.

9: No verdadeiro terreno da propaganda e da ação dos ácratas está a criação de agrupações especificamente anarquistas. Deste ponto é que a sua ação e atividade deve irradiar para toda parte.

O anarquismo, longe de popularizar-se e diluir-se em torno de elementos estranhos, perdendo de vista a base de onde emerge, deve, pelo contrário, ser a base sobre a qual se apóiam as forças da igualdade e da liberdade. Os anarquistas, atuando em todos os campos onde possam agir, estarão em toda parte onde haja movimento, não se deixando arrastar pelas influências conservadoras e autoritárias.

Por sua vez, às agrupações anarquistas cabe desenvolver uma atividade intensa e permanente, de modo a manter vivo, nos militantes, o espírito idealista e revolucionário.

A obra dos militantes e agrupações anarquistas deve ser feita sem reticências, de forma que crie homens de pensamento esclarecido, com princípios definidos e convicções profundas, senhores da filosofia e da ética anarquista.

10: O Comitê dos Grupos Anarquistas, considerando a necessidade de cada momento, sugere a criação de um movimento organizado, das forças anarquistas, as quais devem estar preparadas, o mais possível, para realizar com eficiência o advento da sociedade anarquista.

Para concretizar essa aspiração, propõe-se a adoção de um método de organização, pois está demonstrada a evidência, pelos fatos históricos das sociedades humanas, de que os que vencem, em qualquer terreno de luta, não são os que têm o direito e a razão de seu lado, mas os mais coesos, os mais bem organizados, os que têm melhores métodos de organização e táticas de luta.

Assim, acredito na necessidade de: a) criar, em todas as localidades cuja situação geográfica seja favorável, um comitê local para a relação entre os grupos ali existentes; b) entre os vários comitês locais da mesma região, criar o comitê regional ou federação; c) entre os comitês regio-

A ordem do Estado, as peculiaridades humanas e a anarquia

nais ou federações, criar o comitê federal ou confederação, cuja localização deve ser estabelecida em um congresso; d) provisoriamente estes comitês tomarão para si o encargo de se relacionar com todos os elementos do país, para a realização prática das bases acima enunciadas e futuros congressos, onde se avaliará o que foi feito, o que deu certo e o que terá de ser corrigido: atualidade em decisão coletiva.

Notas

¹ Alfredo Calderón desenha o governo-Estado como pai-mãe da desordem! Prova duplamente que seus servidores putrificam tudo em que botam as mãos!

² *Enciclopédia Universalis Mundaneum*. Bruxelas, Paul Odet.

³ ONU – *Relatório da Comissão Palme*, Independent Commission on Disarmament and Security Issues. Common Security, 1982.

⁴ A primeira greve no Egito data de 1170 aC. Benjamin Cano Ruiz. *¿Qué es el anarquismo?* México, Nuevo tiempo, 1985.

⁵ Victor García. *Escarceos sobre China*. México, Tierra y Libertad, 1962, e *La sabiduría oriental*. México, Tierra y Libertad, 1985. Robert Scalapio. *Anarquism in China*. Seattle, University Washington Press, 1972.

⁶ Aníbal Vaz de Mello. *Cristo, o maior dos Anarquistas*. São Paulo, Editora Piratininga, 1956. Everardo Dias, espanhol de nascimento, maçom, anti-clerical, em seu opúsculo *Cristo era Anarquista*, São Paulo, 1919, também tinha a mesma opinião. Só mudou depois que se tornou comunista, sogro de Astrojildo Pereira, dirigente do P.C.B.

⁷ Max Beer. *História do Socialismo e das Lutas Sociais*. São Paulo, Editora Expressão Popular, 1968. Edgar Rodrigues. *Universo Ácrata*, Santa Catarina, Editora Insular, 1999.

⁸ Henrique Martins. *Socialismo*. Porto, Portugal, 1912, 3 vols.

⁹ Idem.¹⁰

¹⁰ Piotr Kropotkin. *O Estado e o seu papel histórico*. Portugal, Porto, 1922.

¹¹ G. Etiévant. “Declaração de Princípios Anarquistas – Comunistas” in *A Revolta*. Portugal, Lisboa, 1893.

¹² Edgar Rodrigues. *Jornal de Almada*, 8-2. Portugal, 1977.

¹³ O autor diferencia a autoridade racional, do saber, da irracionalidade, da força, do poder!

RESUMO

Apresentação de levantamento realizado pelo autor acerca das interpretações dadas à palavra anarquia. Nega os que afirmam que esta signifique desordem e afirma a anarquia como única possibilidade de realização das aspirações humanas de felicidade, liberdade, igualdade e fraternidade. Ao final, apresenta uma declaração de princípios anarquistas, contendo dez pontos, como resultado de suas pesquisas e reflexões.

Palavras-chave: anarco-cristianismo, primitivismo, história das idéias anarquistas, anarco-sindicalismo.

ABSTRACT

Presentation of research produced by the author about the interpretations given to the word anarchy. Denying those who assert that this word means disorder, he affirms anarchy as the only possibility for realization of human aspirations of happiness, liberty, equality and fraternity. In the end, he presents a declaration of anarchist principles, including ten points, as a result of his researches and reflections.

Keywords: anarcho-christianism, primitivism, history of the anarchist ideas, anarcho-syndicalism.

Recebido para publicação em 2 de fevereiro de 2006 e confirmado em 3 de março de 2006.